COMPORTAMENTO COPROFÁGICO DE CÃES APARENTA SER INFLUENCIADO PELA PRESENÇA DE CONTACTANTE COPROFÁGICO

ANDRESSA R. AMARAL[1], MARIANA Y. H. PORSANI[1], PRISCILA O. MARTINS[2], FABIO A. TEIXEIRA[1], HENRIQUE T. MACEDO[1], VIVIAN PEDRINELLI[1], THIAGO H. A. VENDRAMINI[1], MARCIO A. BRUNETTO[1*]

[1] Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP² Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, Universidade de São Paulo, Pirassununga, SP
Contato: andressa.rodrigues.amaral@usp.br

Resumo: A coprofagia é um hábito alimentar inofensivo embora aversivo para a observação humana que, apesar de não apresentar risco direto a saúde dos animais e seus tutores, pode culminar na não aceitação do *pet*, dificuldade para adoção e abandono. A interrupção do hábito é uma tentativa frequente e árdua por parte dos veterinários e seus clientes, uma vez que se desconhece a causa para sua perpetuação, sendo a nutrição frequentemente associada, mas sem comprovação científica. Os objetivos deste trabalho foram avaliar fatores nutricionais e ambientais envolvidos na manifestação de coprofagia e a percepção dos tutores sobre o comportamento mediante aplicação de questionário elaborado para donos de cães coprofágicos e não coprofágicos. Setenta tutores de animais adultos foram entrevistados, dos quais 42,8% (n=30/70) eram coprofágicos e 57,1% (n=40/70) eram não-coprofágicos. Não foram observadas diferenças com relação ao gênero, hábitos, estilo de vida, número de refeições, histórico nutricional e segmento de dieta industrializada. Entretanto, o desenvolvimento da coprofagia aparentou ser influenciado pela presença de um contactante coprofágico da mesma espécie.
Palavras Chave: cão, comportamento, distúrbio alimentar, fezes, nutrição

CANINE COPROPHAGIC BEHAVIOR IS INFLUENCED BY COPROPHAGIC COHABITANT

Abstract: Coprophagia is a harmless but aversive behavior for humans to watch. Despite absence of health risk for both animals and their owners, this behavior may lead to difficulties in accepting the dog, adoption and may induce getting rid of them. The cessation of the habit is a hard and frequent attempt of veterinarians and their clients once the cause for perpetuation of the behavior is unknown, being the nutrition frequently associated, although with no scientific proof. The objectives of this study were to evaluate nutritional and evironemental aspects involved in the manifestation of coprophagia in dogs and the perception of owners about the subject through a questionnaire designed for coprophagic and non–coprophagic dogs' owners. Owners of seventy adult animals were interviewed, of which 42.8% (n = 30/70) were coprophagic and 57.1% (n = 40/70) were non-coprophagic. There was no difference between sex, habits, lifestyle, habitat, number of meals, nutritional background, commercial diet and reproductive status. However, development of coprophagia appears to be influenced by the presence of a coprophagic cohabitant.
Keywords: behavior, dog, eating disorder, feces, nutrition

Introdução: A coprofagia é um hábito comumente observado por tutores de cães, entretanto pouco é conhecido sobre suas causas motivacionais ou a sua prevalência. Estima-se que pelo menos metade dos cães domiciliados manifestem tal comportamento em algum momento de suas vidas (BOZE, 2008). Aspectos como lotação excessiva, falta de higiene, fome, estresse, falta de interação social e deficiências nutricionais (BOZE, 2010; HART et al., 2018) já foram apontados como possíveis causas, embora estas duas últimas (principalmente) sem o devido estudo e comprovação. Em face deste cenário, os autores deste trabalho buscaram, por meio da aplicação de questionário, averiguar aspectos nutricionais, comportamentais e hereditários envolvidos na manifestação de coprofagia em cães, bem como obter uma percepção acerca dos métodos corretivos mais eficazes para diminuição da ocorrência deste problema.

Material e Métodos: Proprietários de 70 cães adultos saudáveis, machos ou fêmeas, presentes na família, ao menos desde os 3 meses de idade, responderam pessoalmente a um questionário composto por questões objetivas sobre seus cães em uma clínica veterinária particular. Foram considerados coprofágicos (G1) aqueles cães que ingeriram fezes ao menos uma vez ao ano e, não-coprofágicos (G2) os que não ingeriram há pelo menos 1 ano. As dietas comerciais foram classificadas como Super Premium, Premium ou Econômicas de acordo com a informação descrita no rótulo. No caso de dietas caseiras, os tutores foram questionados se esta havia sido formulada por um veterinário nutrólogo ou zootecnista. Dados sobre raça, idade, estado reprodutivo, dieta, ingestão ou não de fezes, habitat/lotação de animais da mesma espécie e detalhes nutricionais durante o crescimento foram anotados. Para os proprietários do G1 solicitou-se que graduassem de 0 a 10 a efetividade de métodos corretivos e apontassem, baseado em suas opiniões pessoais, quais fatores poderiam favorecer a coprofagia entre as opções: deficiência nutricional, fome, desordem comportamental, falta de interação social e predisposição racial/genética.As respostas do G1 foram comparados às do G2 e avaliadas pelo teste do Qui-quadrado e teste exato de Fisher para as variáveis qualitativas e Tukey para as quantitativas, no software GraphPad Prism 6.0 (GraphPad Software Inc., San Diego, California, USA). Valores de $p < 0,05$ foram considerados significativos.

Resultado e Discussão: As porcentagens de animais que se alimentavam de dieta comercial Super Premium (SP), Premium (P), Econômica (E) e caseira formulada por nutrólogo/zootecnista estão ilustradas na Figura 1. Não houve diferença entre o consumo de dietas SP e P em comparação a E ($p=0,59$). Durante o crescimento,

86,67% (n=26/30) dos animais do G1 alimentaram-se com dieta apropriada para o período (para filhotes de cães) e 13,33% (n=4/30) não (dieta para cães, gatos adultos ou caseira desbalanceada). No G2, 95% (38/40) consumiam dieta apropriada para o período e 5% (n=2/40) não. Não houve diferença entre os grupos para esta variável (p=0,22).Entre os entrevistados, 32,86% citaram a deficiência nutricional como possível causa de coprofagia (Fig.2). READ e HARRINGTON (1981) relataram coprofagia em cães após privação experimental de tiamina. Entretanto, com o crescimento da indústria *pet* e o fornecimento de dietas comerciais completas e balanceadas (DENG; SWANSON, 2015), tal deficiência é improvável caso o animal seja alimentado desta forma e não consuma fatores antinutricionais como a tiaminase, presente em peixes crus. A maioria dos animais do G1 e G2 alimentavam-se com dietas SP e a maioria do G1 foi alimentada com dieta para filhotes de sua espécie durante o crescimento, o que torna pouco provável a deficiência nutricional como causa da coprofagia.A hipótese comportamental da coprofagia aparenta ser mais plausível, visto que o G1 apresentou maior frequência de contactantes coprofágicos do que o G2 (p=0,03). Fatores relacionados ao ambiente e genética, no entanto, não podem ser descartados.

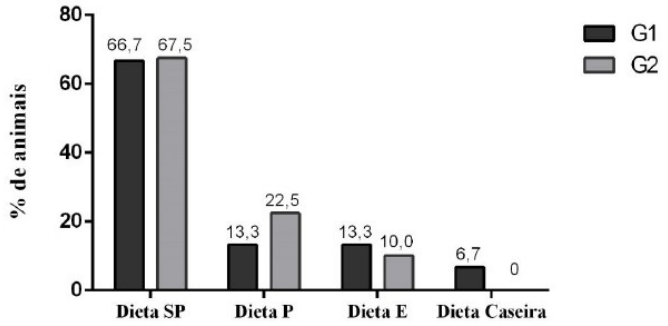


Figura 1. Distribuição em porcentagem dos animais dos grupos G1 (coprofágicos) e G2 (não coprofágicos) que consumiam Dieta SP (Super Premium), Premium (P), Econômica (E) ou Dieta Caseira.

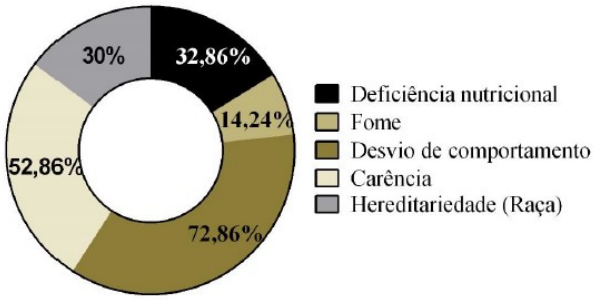


Figura 2. Distribuição em porcentagem das opiniões dos entrevistados sobre as causas de coprofagia entre as opções: deficiência nutricional, fome, desvio de comportamento, carência afetiva e hereditariedade.

Conclusão: A coprofagia parece não estar relacionada ao ambiente, tipo de dieta e histórico nutricional em animais saudáveis. Este comportamento aparenta ser um hábito aprendido e influenciado pela presença de um contactante coprofágico.

Referências Bibliográficas: Boze, B.G.V. Correlates of coprophagy in the domestic dog (Canis familiaris) as Assessed by Owner Reports. **J. Appl. Comp. Anim. Behav.**, v. 4, p. 28-38, 2017.Hart, B.L.; Hart, L.A.; Thigpen, A.P.; Tran, A.; Bain, M.J., 2018. The paradox of canine conspecific coprophagy. **J. Vet. Med. Sci.**, v. 4, 106-114.Read, D.H.; Harrington, D.D. Experimentally induced thiamine deficiency in beagle dogs: clinical observations. **Am. J. Vet. Res.**, v. 42, p. 984–991, 1981.Deng, P.; Swanson, K.S. Companion animals' symposium: future aspects and perceptions of companion animal nutrition and sustainability. **J. Anim. Sci.**, v. 93, 823–834, 2015.